

RICHARD ZIMLER

À PROCURA DE SANA

Tradução de Clara Amado

Prefácio

Conheci Sana no meu terceiro dia em Perth, na tarde de 9 de fevereiro de 2000. Fora convidado a participar no Encontro de Escritores de Perth e viajara também para promover o meu mais recente romance, *The Angelic Darkness (Trevas de Luz)*, na Austrália e na Nova Zelândia. Tivemos uma única conversa bastante demorada e, em retrospectiva, parece-me, em parte, que a razão pela qual este encontro casual me iria lançar numa investigação de três anos à vida dela se deve ao facto de nessa altura me sentir simultaneamente frágil e entusiasmado.

Ora, estava vulnerável porque tivera uma premonição de morte no metropolitano de Londres quando me dirigia para o Aeroporto de Heathrow antes do voo para Perth. Com uma dor a desabrochar dentro de mim, sentia-me como se caminhasse nas águas de um oceano noturno, a uma distância desesperante das luzes costeiras. Sob mim, léguas de uma água parda e fria puxavam-me para o fundo. Num pânico de afogado, encarei um dos meus vizinhos. Porém, o perfil do homem idoso sentado a meu lado parecia tão lúgubre como as ramagens invernosas arranhando as vidraças das janelas.

Mais do que entabular conversa, o que eu queria era mudar de pele.

Esse momento de pânico transformou a minha vida. Durante os cerca de dois anos que se seguiram, senti-me como que encerrado dentro de parênteses, sem viver realmente a existência que me estava destinada.

Nessa noite, a bordo do avião, encostei o nariz à janela e perscrutei as estrelas, na vã esperança de descobrir algum sinal de uma vida eterna que me esperasse. Os fusos horários sucediam-se. E, através de um desses portais, devo ter perdido alguma resistência em aceitar o acaso. Por momentos, formou-se uma constelação inexistente em qualquer mapa celeste e conduziu-me primeiro a Sana e em seguida a Helena. Mas quem sabe se Sana não teria já planos que retiravam ao nosso encontro uma certa aura de coincidência misteriosa.

Tive duas depressões na vida: a primeira aos doze anos e a segunda aos dezanove; quando cheguei a Perth preocupava-me a ideia de estar prestes a viver uma terceira. Em virtude disso, foi-me quase impossível dormir mais do que uma ou duas horas por noite. Portanto, quando falei com Sana, estava a cair de sono.

A exaustão, associada ao sentimento de trazer a morte no bolso, fez-me olhar para ela em busca de conforto; desejava ver nela uma estabilidade que se refletisse em mim – e *dentro* de mim.

Tendo depositado em Sana tal esperança, durante algum tempo considerei uma traição pessoal o que fez. Uma tolice, naturalmente, visto que não éramos sequer conhecidos – e um ato de egoísmo, dadas as circunstâncias. Mas um espírito trémulo que se acha prestes a incendiar raramente faz escolhas acertadas.

Nas semanas que se seguiram à minha partida da Austrália, perdia-me frequentemente a fantasiar que era a mim que cabia ter mudado o futuro de ambos. Acho que sempre desejei poderes mágicos – tal como ela, conforme se veio a verificar.

1

O avião que partira de Londres tocou o solo numa madrugada do verão australiano, em 7 de fevereiro de 2000. Chegado ao Rydges Hotel, no centro de Perth, informaram-me de que o quarto ainda não estava pronto. Da recepção, telefonei a Alex, em Portugal, onde vivemos, para lhe dizer que estava tudo bem. Menti, assegurando-lhe que a viagem correria sem sobressaltos. Porém, há vinte e um anos que estávamos juntos e, percebendo um laivo de angústia na minha voz, pediu-me para não me deixar ir abaixo, que dali a nove dias iria ter comigo a Sydney, aonde me levava a digressão de apresentação do livro, a quase cinco mil quilómetros de distância.

O restaurante ficava logo à saída do hotel, e, enquanto esperava, fui sentar-me na esplanada, a uma das mesas junto do passeio. A rua conduzia a um horizonte poeirento de ambos os lados. Os carros passavam fremindo já com a frenética energia do sol estival. Pedi uma *Coca-Cola*, que bebi de um trago, e depois um chá com leite.

Descendo a rua, deparei-me com homens de camisa branca e óculos de sol pretos, pálidos e magros, os narizes barrados de creme branco, participando da batalha em curso na Austrália contra o cancro da pele. Traziam pastas e usavam chapéus da selva, como outros tantos Crocodile Dundees que tivessem recorrido a cargos de contabilista quando as percentagens do filme deixaram de pingar.

O Rydges Hotel era um megálito de betão e vidro, mas a vizinhança ostentava um estilo antigo; do outro lado da rua, havia um alfarrabista, uma mercearia familiar e uma loja de ferragens. Mais afastado, um bar de sumos anunciava rebentos de cevada, expondo

alguns maciços que lembravam pequenos pedaços de relvado de golfe numa banca voltada para a rua. Provei-os mais tarde nessa manhã. Eram moídos num caldo esverdeado, servido numa minúscula tigelinha de papel branco, a lembrar os copos de dentes. Inenarrável. O empregado, com uma esfera metálica espetada na língua, explicou-me, enquanto me servia, que aquilo tinha níveis elevadíssimos de antioxidantes. A meio da conversa, contei-lhe que chegara de Portugal e ele garantiu-me que os rebentos de cevada eram precisamente o ideal para o *jet-lag*.

– É como comer vinte cenouras.

Respondi que seria incapaz de comer vinte cenouras.

– E agora não tens de as comer, *mate!* – rejubilou.

Eis o irreprimível entusiasmo australiano.

Perth pareceu-me, nessa manhã, como que modelada num cenário de Hollywood para uma cidade vitoriana remota. Não me surpreenderia ver carroças puxadas por cavalos ou, talvez, algum tiroteio. Ante os meus olhos, sempre que os voltava para o céu azul-azul, cruzavam-se umas formas esbranquiçadas como esperma; pela minha mente erravam pensamentos como um fumo opalescente.

Passei toda a semana em Perth atolado num árido *jet-lag* de um brilho cintilante, como se me habitasse um deserto. As temperaturas assavam-nos a 40 graus. Vagueava com os olhos franzidos como uma toupeira. Por vezes, a exultação do sol deixava-me eufórico como um rapaz de doze anos, emergindo dos nove meses de prisão escolar para as férias de verão. Andava de calções, exceto no quarto. Aí, as janelas não abriam e estava quase sempre demasiado frio. Era como viver na minha própria cápsula espacial com controlo climático.

Sempre que não estava no Encontro de Escritores, vasculhava livrarias, visitava a Art Gallery of Western Australia e deambulava pelos mercados asiáticos à procura de mangas e anonas. Estudava a geografia das pintas nas pinturas aborígenes da galeria, tentando descobrir onde me encontraria. Porém, não estava em lado algum, a não ser fora da minha vida real.

No Encontro, quando não estava a ouvir algum escritor, gracejava com os empregados do café, todos loiros, bonitos, *gays* e obviamente à

espera de serem descobertos por Gianni Versace ou pelo seu equivalente no hemisfério meridional. Ia praticando o sotaque australiano, dizendo *razor blade* com a pronúncia de um deles: *rizeur blied*.

Enquanto me mantive lúcido, fiz bons amigos. A maior parte também escritores: Dermot Healy e a mulher Helen, Rodney Hall, Timothy O'Grady, e Nicholas Shakespeare e a mulher, Gillian.

Recordo em particular o hálito a vinho de Dermot entrando-me pelos ouvidos enquanto cantava uma das minhas canções preferidas de Marianne Faithfull, «*Love is a Teasing*». Apesar de serem duas da manhã e ele mal conseguir manter abertos os seus olhos azuis de Rasputine, a voz áspera permanecia afinada.

Ao pequeno-almoço do terceiro dia em Perth, enquanto preparava os flocos de farelo com fatias de manga, uma mulher esguia de cabelo preto espetado sentou-se a uma mesa próxima. Agitava as mãos no ar como que para apanhar algum pássaro minúsculo que atravessasse a sala. Depois cerrava os punhos, que começavam a vibrar com as pequenas vidas imaginárias batendo as asas dentro deles. Espreitava as criaturinhas aladas através das fendas dos dedos, abria as mãos com as palmas para cima – como um mágico revelando um tesouro ao público – e libertava-as. Um homem esguio de *T-shirt* branca, com uma tatuagem de um peixe tropical azul, verde e amarelo no braço, aproximou-se, agarrou, da borda de uma mesa vizinha, um dos pássaros imaginários e pousou-o na cabeça dela. Deu-lhe um beijo na cara e saiu sem uma palavra. A mulher curvou o pescoço com o peso da ave. Vendo-a franzir o sobrolho, era fácil sentir as patinhas do ser alado a emaranhar-lhe o cabelo.

Aninhando o companheiro invisível na mão e passando-o para o ombro, pôs-se a olhar para a mesa do bufete. O perfil dela surpreendeu-me pela sua severidade: os olhos eram penetrantes, os lábios crispados como que para lhe censurar os pensamentos. Tinha uma pele escura de uma agradável cor de azeitona e os tendões faziam um arco tenso no pescoço delicado. Em redor dos olhos desenhava-se um leque de rugas profundas e as sobrancelhas altas subiam como asas de borboleta. Ostentava uma pequena cicatriz junto à linha do cabelo.

Pensei que devia ser uma atriz para o Festival Artístico. Imaginei que fosse iraniana, ou talvez da Índia ou do Paquistão.

Voltou-se então para o pássaro no ombro.

– Então, não fiques aí parado, diz lá o que queres! – Usava o tom impaciente mas afetuoso que normalmente se reserva aos filhos.

Depois de se ter servido de um pouco de iogurte e fruta do buffet, reparou que eu a observava e fingiu tropeçar como um palhaço, quase me atirando com a tigela que tinha nas mãos. Rimo-nos.

– Bravo! – exclamei.

– Muito obrigada, gentil senhor – respondeu, com uma pequena vénia.

Olhou em volta da sala como que apreciando o pássaro a voejar em círculo. Fingiu chamá-lo com beijos repenicados e estendeu o braço. O passarito poisou-lhe no indicador, que desceu um pouco, e ela voltou a colocá-lo em cima do ombro.

Durante o pequeno-almoço, não consegui voltar a captar-lhe o olhar. Suspeitei de que se sentia sempre na necessidade de representar e que precisava de impor a si própria uma disciplina.

Quando me levantei, fez-me um aceno de rapariguinha.

– Até logo – disse eu.

– Espero que sim – respondeu. Tirando o pássaro do ombro, lançou-o ao ar na minha direção. Estiquei o indicador e deixei-o posar, instalando-o depois na cabeça. Cheirei a mão e sacudi-a para a limpar do que o pássaro aí largara. Ela riu-se. Fiquei a desejar que tivéssemos nova ocasião para falar.

Voltei a vê-la ao fim da tarde, quando regressava do Encontro de Escritores. Estava sentada no bar, bebendo um líquido cor de âmbar, provavelmente *Drambuie*, o que, como vim a saber, era a sua bebida favorita. Usava uma camisola felpuda cor-de-rosa com uma gola alta preta. Aparentava uma grande nobreza. Quando lhe acenei, respondeu com outro aceno, mas abrindo lentamente a mão e fechando-a de súbito, como o focinho de um lobo. Os olhos castanhos solenes seguiram-me enquanto eu atravessava a sala em direção ao elevador. Pensei que talvez me quisesse alguma coisa. Tinha uma flor delicada de hibisco azul-da-califórnia presa atrás da orelha. Com

os braços cruzados, recostou-se como que para ouvir o que a flor lhe sussurrava a meu respeito.

Uni as mãos em prece, como quem suplica: «Espero que estejam a sussurrar coisas simpáticas.»

Ela assentiu. Fiz menção de me aproximar, mas ela afastou de repente o olhar e não se voltou de novo. Concluí que não queria ser incomodada.

No dia seguinte, estava eu sozinho a tomar o pequeno-almoço, ela entrou, dirigindo-se a mim com um exemplar da edição britânica d'O *Último Cabalista de Lisboa*.

– Tive receio de o abordar antes – disse. Um sotaque estrangeiro conferia-lhe às palavras um final ascendente. – Apesar da impressão que costume causar, sou tímida.

A edição não ostentava nenhuma fotografia minha, pelo que lhe perguntei como sabia que era eu o autor.

– Li a edição brasileira mal foi publicada. A sua foto está na badana do livro e também na brochura do Festival.

Quando lhe perguntei como dominava tão bem o inglês, explicou-me que vivera em Nova Iorque durante dois anos.

– Ainda vive nos Estados Unidos?

– Não, parti há três anos para São Paulo – disse, envolvendo o pescoço com as mãos e fazendo o som de quem está a sufocar. – Os americanos iam-me linchando.

Respondendo às minhas perguntas, disse que não, que não era brasileira. Tinha nascido em Israel. Foi nesse momento que assumi erradamente que era judia.

Contou-me que se encontrava ali com a Trupe Paulista de Dança e Mimo e que estavam a apresentar *Lisístrata*. Era a segunda vez que ia à Austrália. O espetáculo do grupo *À Espera de Godot* fora um sucesso no Festival de Adelaide dois anos antes. Para contarem as histórias, aliavam mímica e dança.

Surpreendeu-me então perguntando-me se podia pegar-me na mão. Ainda hoje sinto o aperto firme dos seus dedos.

– É tão estranho conhecê-lo – explicou ela. – Quer dizer, olhei para a brochura que eles nos mandaram e por isso sabia que estaria cá. No Festival. Mas não sabia que iríamos ficar no mesmo hotel. – Nos seus olhos brilharam lágrimas. – Ou que me iria cruzar consigo. – Largou-me a mão e enxugou os olhos. – O seu livro ajudou-me a pôr em ordem algumas coisas... não, não é isso... ajudou-me a ver as coisas mais devagar, de maneira a poder analisá-las devidamente e descobrir o que fazer. Mesmo o que não me agrada no livro, acabou por me parecer pouco importante. O seu romance é como uma vida bem vivida. – Queria dizer mais, mas faltou-lhe a voz. Com os dedos indicador e médio esboçou uns passos no ar, até eu ver um cavalo aos ziguezagues. Depois, deteve-se e apontou-me para os olhos. Tocou com a ponta dos dedos nas minhas pestanas fechadas. Senti aquela pressão como que vinda de dentro de mim.

Não sabia o que pretendia ela dizer com esse gesto. Ainda hoje não sei. Estava demasiado atónito para falar. Talvez fosse uma espécie de linguagem gestual. Pressenti que tentava conhecer-me pelo tato.

Antes que eu pudesse dizer fosse o que fosse, irrompeu numa risada e tapou a cara com as mãos como uma rapariguinha apanhada numa brincadeira secreta.

– Deve achar-me parva e perturbada, com todas estas lágrimas. Mas não estou perturbada. Sinto-me muito feliz. Só que neste momento estou particularmente sensível.

– Não é nada parva. Fico contente por me ter dito o que pensa. É sempre bom ouvir que o que escrevemos tem um efeito positivo em alguém. Estou-lhe muito agradecido.

– Oiça, pode assinar o meu livro? Ou não é coisa que se peça?
Tirei-lhe o livro das mãos.

– Claro que assino. A quem o devo dedicar?

– Dedique-o a Helena.

– Só isso... sem apelido?

– Helena basta.

Datei a dedicatória e escrevi: «Para Helena, obrigado por me falar do efeito que o meu livro teve na sua vida!» Entre parênteses, acrescentei: «Fazer greve pela paz continua a ser uma causa justa.»

Quando leu a minha mensagem, soltou um suspiro.

- Que foi? – perguntei.
- Como tudo é estranho na vida.

A minha afirmação parentética era evidentemente uma referência à *Lisístrata*. Nessa peça, as mulheres de Atenas recusam-se ao amor com os maridos até que seja posto fim à guerra com Esparta.

Falámos um pouco sobre Perth, depois ela rebuscou o saco de lona e estendeu-me dois sabonetes com uma espiral rosa e branca, com um aroma a rosas, que comprara na galeria de arte.

- Queria oferecer-lhe alguma coisa por ter escrito aquele livro. Desatou de novo a chorar quando lhe agradeci.

Regra geral, não sou muito ousado, mas naquele momento levantei-me e abracei-a. Vendo-a tremer, senti-lhe a vulnerabilidade – e também uma energia extraordinária contra o meu peito. Era tão magra que lhe tocava o desenho das costelas. Abraçá-la bastava para me confirmar, por instantes, a solidez e a retidão da minha vida. Estava-lhe grato.

Pela primeira vez pensei que deveria ser maravilhoso escrever uma peça ou um filme – algo que ela pudesse interpretar.

- Já atuou em alguma coisa com palavras? – perguntei.
- Já, mas há alguns anos.
- É uma ideia maluca, mas se escrevesse alguma coisa para si... quero dizer, uma peça ou um filme, era capaz de lhe dar uma vista de olhos?

Agarrou-me o braço com a mão.

- Claro. Mas não escreva nada só para mim. Talvez fosse demasiado... demasiado limitado. Escreva uma coisa bonita e boa, só isso importa.

Deu-me um beijo na cara e sem nenhuma explicação precipitou-se para o elevador. Levou a mão direita acima da cabeça e acenou adeus sem se voltar, como se estivesse com medo de me olhar uma última vez. À medida que caminhava, ia retirando dos bolsos pedras invisíveis que atirava para os lados. Ergueu-se em bicos de pés, mais leve a cada passo, e saltou para dentro do elevador, os braços abertos, como que prestes a voar.

Que teria acontecido se tivesse corrido atrás dela e insistido em continuar a conversa?

*

Nunca mais falei com ela, embora a tenha visto ainda uma vez.

No dia seguinte, por volta das seis horas, fiquei à conversa com Martin, um dos organizadores do Festival, na esplanada do hotel. Estava um fim de tarde tórrido. Deliciava-me com uma sopa de milho com natas. Martin fumava e ia debicando o meu pão com dentadilhas de rato.

Ouvimos o estilhaçar de vidros acima das nossas cabeças. Caíam pedaços, e eu protegi-me com as mãos para evitar que me atingissem na cara. Martin agachou-se e gritou alguma coisa.

Levantei-me de um salto quase no preciso momento em que Helena tocou o solo. Ouviu-se um baque surdo, uma porta a fechar-se. Um fio de sangue corria-lhe de uma das narinas. Os olhos permaneciam abertos, mas não viam nada deste mundo.